



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

**CINTHYA DE MEDEIROS OLIVEIRA**

**UMA LEITURA FEMINISTA DA NARRATIVA DE KATE CHOPIN: *O DIVÓRCIO DE  
MADAME CÉLESTIN***

**JOÃO PESSOA  
2017**

**CINTHYA DE MEDEIROS OLIVEIRA**

**UMA LEITURA FEMINISTA DA NARRATIVA DE KATE CHOPIN: *O DIVÓRCIO DE  
MADAME CÉLESTIN***

Trabalho apresentado ao Curso de Letras da  
Universidade Federal da Paraíba como requisito  
parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em  
Letras - Língua Inglesa.

Orientadora: Profa. Dra. Nadilza Martins de Barros  
Moreira

**JOÃO PESSOA  
2017**

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Oliveira, Cinthya de Medeiros.

Uma leitura feminista da narrativa de Kate Chopin: o divórcio de madame Célestin / Cinthya de Medeiros Oliveira. - João Pessoa, 2017.

27 f.

Monografia (Graduação em Letras, língua inglesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Nadilza Martins de Barros Moreira.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA**

Ata da sessão de defesa de Monografia para obtenção do grau de Licenciatura, conferido a **Cintha de Medeiros Oliveira**. No oitavo dia do mês de junho de dois mil e dezessete, reuniram-se na UFPB, Campus I, João Pessoa, os membros da Banca Examinadora composta pelos Professores Prfa. Dra. Nadilza Martins de Barros Moreira (UFPB), Profa. Dra. Ana Adelaide Peixoto Tavares (UFPB) e Prof. Dr. Michael H. Smith, PhD (UFPB), com o objetivo de proceder à arguição da monografia intitulada **Uma leitura feminista da narrativa de Kate Chopin: O divórcio de Madame Célestin**, requisito conclusivo para obtenção do grau de Licenciado(a) em Letras – habilitação língua inglesa. Após a arguição, os membros da Banca reuniram-se para deliberar sobre a nota a ser atribuída à monografia. O(A) presidente da sessão comunicou ao(à) aluno(a) e demais presentes que, por decisão da Banca, foi atribuída à monografia a nota 9,5. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, assinada pelos membros da Banca. João Pessoa, 8 de junho de 2017.

Prfa. Dra. Nadilza Martins de Barros Moreira (UFPB)

Orientador(a) *Nadilza Martins de Barros Moreira*

Profa. Dra. Ana Adelaide Peixoto Tavares (UFPB)

Examinador(a) 1 *Ana Adelaide Peixoto Tavares*

Prof. Dr. Michael H. Smith, PhD (UFPB)

Examinador(a) 2 *Michael H. Smith*

Profa. Dra. Maria Luiza Batista (UFPB)

Suplente

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela força e fé que me foram ofertadas ao produzir esse trabalho em meio às tribulações.

A minha família que sempre me apoiou.

A minha orientadora, Professora Doutora Nadilza Martins de Barros Moreira - por quem nutro uma profunda admiração, pelo compromisso, paciência e generosidade acadêmica. Sem ela, a composição desse trabalho não seria possível.

Aos meus professores do DLEM pelo papel imprescindível na formação profissional.

A Curtis, meu marido, pelo apoio ao longo da penosa formação acadêmica.

As minhas colegas e amigas, Priscilla e Gessica, pelos momentos de parceira, pelos conselhos e pelo suporte quando se fez necessário.

*Her marriage to Léonce Pontellier was purely an accident, in this respect resembling many other marriages which masquerade as the decrees of Fate.*

(CHOPIN, 1899, p.62 )

## RESUMO

A presente monografia tem o objetivo de analisar o conto *O Divórcio de Madame Célestin*, de Kate Chopin, à luz da crítica feminista, propor uma leitura feminista da narrativa mencionada para demonstrar que o olhar da mulher leitora e crítica privilegia reflexões negligenciadas pela crítica literária canônica, ou seja, ela estabelece o gênero e o espaço feminino como uma categoria nos estudos literários. A metodologia contempla um diálogo entre a vida e a obra da autora para dar suporte à análise literária em parceria com os pressupostos da crítica feminista. A nossa análise privilegia uma leitura que evidencia a mulher e a enobrece nas representações literárias, o não julgamento moral do feminino considerando o direito à igualdade, liberdade e felicidade de todos e todas.

**Palavras-chave:** Kate Chopin. *O Divórcio de Madame Célestin*. Leitura Feminista. Crítica Feminista.

## ABSTRACT

This research paper aims to analyze the short story *Madame Célestin's Divorce* by Kate Chopin, in the light of feminist criticism, to propose a feminist reading of the aforementioned narrative and to demonstrate that the reading and critical woman's view privileges reflections neglected by canonical literary criticism. It establishes gender and feminine space as a category in literary studies. The methodology contemplates a dialogue between the life and work of the author to support literary analysis in partnership with the assumptions of feminist criticism. Our analysis favors a reading that highlights women and ennobles them in literary representations, the non-moral judgment of the feminine considering the right to equality, liberty and happiness for all.

**Keywords:** Kate Chopin. *Madame Célestin's Divorce*. Feminist Reading. Feminist Criticism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 KATE CHOPIN: VIDA E OBRA .....</b>	<b>11</b>
<b>3 ANÁLISE DO CORPUS .....</b>	<b>16</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O meu interesse pelas questões de gênero despontou nas aulas da disciplina “Mulher e Literatura”, ministradas pela professora Dr<sup>a</sup>. Nadilza Moreira em 2015. Na verdade, já no ensino médio, eu comecei a apontar o desejo de conhecer mais sobre o mundo literário; porém, quase tudo o que eu conhecia da literatura até o término do segundo grau, tinha sido produzido por homens.

Foi no curso de Letras, especialmente durante o curso da disciplina mencionada acima, que tomei consciência da forma misógina com que muitas personagens femininas eram construídas sob um ponto de vista tipicamente masculino, dada a autoria dos textos, o que me levou a perceber que o problema sócio-histórico e cultural relacionado à inferioridade da mulher também se estendia ao mundo literário.

A ideia de optar por analisar a obra de Kate Chopin solidificou-se ao longo da disciplina citada, pois essa autora desenvolve personagens femininas fortes, contestadoras e que apresentavam um perfil ousado para o final do século XIX, qual seja, a busca emancipatória feminina.

Lendo a contística de Chopin, identifiquei-me pessoalmente com as tramas narrativas e as personagens de Kate Chopin. A autora aborda questões inerentes ao universo feminino que até hoje são conflituosas para muitas mulheres, com as quais deveras me identifico, haja vista, por exemplo, meu interesse pessoal acerca da proposta de emancipação feminina, temática recorrente nas obras da autora em comento.

O corpus a ser trabalhado é o conto “O Divórcio de Madame Célestin”, de Kate Chopin, presente na sua primeira coletânea *Bayou Folk* (1984). Trabalharei o conto traduzido por Lígia Junqueira Caiuby que se encontra numa coletânea brasileira intitulada: *Maravilhas do conto feminino* (1958).

O objetivo principal da nossa pesquisa é fazer uma leitura feminista da protagonista, Madame Célestin, e da personagem secundária, o juiz Paxton. Amparando-me no suporte crítico de uma teoria e crítica feminista que desestabiliza a literatura de cunho sexista, pretendemos fazer uma análise da obra citada com vistas a apontar como a voz narrativa constrói a protagonista que contesta a visão patriarcal tradicional.

Pretendo nortear a análise do corpus num diálogo contínuo, conversando com valores socioculturais da sociedade norte-americana da segunda metade do século XIX, quando a ex-colônia se afirmava como uma nação e se contagiava das ideias liberais do iluminismo europeu.

As ideias de emancipação feminina no movimento de mulheres foi considerada a primeira onda feminista nos Estados Unidos da América, isto é, as mulheres brancas e escolarizadas lutavam pela obtenção de direitos civis, como o voto das minorias, por exemplo. Portanto, nossa atenção na análise literária proposta do conto privilegiará uma leitura feminista da protagonista, Madame Célestin e da personagem secundária, o juiz Paxton, de modo que foram apontadas, na trama narrativa, as ideias, o comportamento e a assertividade de Madame Célestin frente aos conflitos familiares, sociais e religiosos quando ela toma a decisão de pedir o divórcio ao marido, Célestin.

Como fundamentação crítica e teórica, pretendo fazer uma leitura de mãos dadas com os princípios norteadores do feminismo, concebido como um movimento histórico da emancipação feminina.

Nosso desafio, portanto, será desenvolver uma leitura feminista que não só explique o universo feminino oitocentista, mas que discuta a protagonista como uma mulher à frente de seu tempo, que se permitiu expressar sentimentos íntimos, lutar por uma vida conjugal harmoniosa e, por último, voltar atrás com seus propósitos porque o marido “deu sua palavra de honra” e que mudaria de vida.

Primeiro enfocaremos a vida e a obra de Kate Chopin. Em seguida, numa análise de texto corrido, traçaremos brevemente a estrutura narrativa: espaço, tempo, o papel da mulher e descrição das personagens principais e, por último, as estratégias de autoria feminina no desfecho da narrativa. Como referencial teórico, faremos uso principalmente do *Dicionário da crítica feminista* (2005), e das publicações de Skaggs (1985) e Moreira (2003).

A título de conclusão das nossas reflexões literárias sobre a protagonista – uma dona de casa confinada no espaço doméstico – queremos responder a inquietações como: até que ponto a luta emancipatória das mulheres valeu à pena? Que legado a narrativa estudada deixa para as mulheres do século XXI? Como interpretar a súbita mudança de comportamento da protagonista após divorciar-se?

## 2 KATE CHOPIN: VIDA E OBRA

Catherine O'Flaherty nasceu em 12 de julho de 1850 em Saint Louis, Missouri. Filha de pai irlandês e mãe americana com descendência francesa, Kate recebeu, pelo lado materno, uma forte influência francesa na educação. Seu pai, Thomas O'Flaherty, nasceu na Irlanda em 1805 e mudou-se para os Estados Unidos em 1823. Em 1825, estabeleceu-se em St. Louis, Missouri, onde prosperou como comerciante. Em 1844, Thomas O'Flaherty se casou com Eliza Faris, com quem teve três filhos, Jane; Thomas e a caçula Catherine O'Flaherty, mais conhecida como Kate Chopin.

Kate Chopin vivenciou um sistema familiar singular, isto é, perdeu o pai aos cinco anos em um acidente de trem e foi criada por mulheres de três gerações: Eliza O'Flaherty, Madame Athénaïse Charleville Faris e Madame Charleville: mãe, avó e bisavó, respectivamente.

A atmosfera feminina vivenciada na infância e na juventude influenciaria as obras ficcionais de Chopin que se apropriou da experiência familiar e a imprimiu nas narrativas que publicou. Kate Chopin foi criada sob uma atmosfera de mulheres viúvas que assumiam a autoridade e a liderança de suas próprias vidas, distanciadas das intervenções de um chefe de família. Com a morte do pai, Chopin teve uma educação tutelada pela bisavó, Madame Charleville, informalmente chamada de Victoire Verdon, que incluía aulas de piano e o estudo da leitura na língua francesa, a qual falava fluentemente. As leituras em francês incluíam histórias cheias de vivacidade, que atravessavam a atmosfera Creole de Saint Louis, Missouri.

Katherine Chopin, em 1857, dois anos após a morte do pai, foi estudar no colégio de religiosas *Sacred Heart Academy*, onde se formou em 1868. Nesse colégio, ela seguiu o sistema educacional da França que incluía aulas de formação religiosa, aprendizado de línguas, música e o estudo da literatura.

A dedicação aos estudos deu a Kate Chopin o reconhecimento na comunidade local como uma das moças mais letradas da cidade. Chopin tinha uma intensa vida social que incluía fumar, namorar, ler livros proibidos, caminhar sozinha pelas ruas e ter amigas masculinas além de manter um salão literário.

Em junho de 1870, Kate Chopin se casou com Oscar Chopin, um imigrante francês e próspero comerciante de algodão. Assim como Chopin, ele também nutria interesses como o gosto pela literatura e pela vida social, além de compartilhar o conhecimento da cultura francesa.

Após o casamento, o casal passou três meses na Europa, experiência essa que rendeu à Chopin um diário, no qual registrara sua breve, porém intensa vivência no continente europeu. Ao retornar aos Estados Unidos, Kate teve sua primeira experiência com a maternidade, em maio de 1871 nasceu o primeiro dos seis filhos do casal Chopin.

Em dezembro de 1882, Kate ficou viúva prematuramente (Oscar Chopin morreu de febre tifoide), herdando uma alta dívida referente a débitos da fazenda e do comércio, deixados pelo seu falecido marido. Ela saldaria o débito com muito trabalho, forçada pelas circunstâncias. A sua experiência de vida aliada à convivência familiar contribuíram para a construção emocional de Kate Chopin como uma mulher autônoma e independente econômica e existencialmente.

A trajetória literária de Kate Chopin se iniciou como uma terapia, por sugestão do seu médico, para superar a depressão causada pela perda sucessiva de entes queridos, particularmente o marido e a mãe.

Incentivada pelo seu médico e amigo, Dr. Frederick Kolbenheyer, Chopin começou a escrever poesias e seu primeiro poema publicado foi “If It Might Be” (1888), na revista *America*.

Ela foi fortemente influenciada pela literatura francesa, em especial pelos autores realistas como Guy de Maupassant e Gustave Flaubert. Em *Confidences* (1896), ela enaltece e admira Maupassant por ter escapado da tradição e da autoridade vigentes, por ter sido capaz de ouvir-se, ter tido a coragem de olhar a vida através de seus próprios olhos (MOREIRA, 2003, p. 123).

Chopin leu e traduziu contos de Maupassant do francês para o inglês e absorveu o modelo literário desse escritor ousado, segundo críticos do século XIX.

Em 1889, aos 39 anos de idade, Kate iniciou sua carreira como escritora. Ela começou escrevendo narrativas regionais curtas, ou seja: contos. Sua primeira estória publicada foi “Wiser than God” e, no final de 1889, ela escreveu outras três estórias, dando continuidade à escrita ficcional com notável progresso. De acordo com as pesquisas que realizei, usando como referência o livro de Peggy Skaggs sobre a vida e obra de Kate Chopin, no conto “Wiser than God”, Kate Chopin imprimiu parte de uma experiência pessoal que vivera numa viagem à Nova York com sua mãe, quando lá conheceu uma artista independente que a encantaria e a inspiraria a construir uma personagem principal e que figurou no referido conto. A protagonista da estória, Paula

Von Stoltz, é uma pianista que abre mão do casamento para seguir a carreira que a tornaria brilhante e notável.

No final de 1889, Chopin tinha produzido três outras estórias e feito um bom progresso em seu primeiro romance, *At Fault*, uma novela que ela publicou em 1890 com recursos próprios.

Na sua primeira coletânea, *Bayou Folk*, publicada em 1894, encontra-se o conto que é o corpus desse trabalho: “O Divórcio de Madame Célestin”. Em 1897, Chopin lançou a segunda coletânea, *A Night in Acadie*; porém, só na década de 90 do século XX, foi editada a terceira coletânea, *A Vacation and a Voice* por Emily Toth, momento frutífero quanto aos estudos literários de cunho feminista e comprometidos com a construção de uma tradição literária feminina e feminista voltada para a valorização e a visibilidade de uma mulher-escritora e de seu legado literário.

O conto “Athénaise”, presente na coletânea *A Night in Acadie* (1897), título que carrega o nome da personagem principal, narra a estória de uma moça que se casa com um homem bom, porém, o matrimônio a desagrada tanto que ela sai de casa para morar sozinha. Na verdade nem ela mesma sabe o porquê de ter deixado o marido, uma vez que o conto não menciona, em nenhum momento, o motivo pontual que justificou a insatisfação da moça com o casamento.

“The Story of An Hour”, conto incluído na coletânea *A Night in Acadie*, de 1897, narra a história de uma mulher casada que supostamente perde o marido em um acidente ferroviário (Kate Chopin perdeu seu pai da mesma forma); logo após tomar conhecimento da tragédia, a personagem começa a imaginar e a planejar como seria sua vida, livre da instituição matrimonial. Uma felicidade invade seu peito, pois dali por diante ela viveria para si mesma; porém, o fim da estória reserva uma irônica surpresa: o marido, na verdade, não só estava vivo, como entra na casa da família, surpreendendo a todos, principalmente a sua esposa que, ao vê-lo, morre de uma parada cardíaca. O conto não menciona o sentimento mais profundo da personagem principal, mas o narrador onisciente sugere que ela não morreu de alegria ao ver o marido vivo, mas que sua morte decorreu de uma avassaladora tristeza, de uma profunda frustração ao perceber a morte de seus sonhos após a viuvez.

Outra obra ficcional que também traz um tema transgressor é “O Divórcio de Madame Célestin” (1894), conto que será corpus de análise desse trabalho. Madame Célestin é uma mulher casada, mãe de dois filhos, cujo marido viajou a negócios sem lhe ter mandado notícias ou dinheiro para o sustento da família. Ela enfrenta a família,

a justiça e a esfera religiosa para que seu objetivo seja concretizado: divorciar-se de Célestin.

Em 1899, ao publicar sua segunda novela, *The Awakening*, pela companhia Herbert S. Stone, em Chicago, ela foi duramente criticada por seus contemporâneos, por tamanha ousadia do romance para a sociedade puritana oitocentista: “O Despertar<sup>1</sup>”, como a maior parte do trabalho de Kate Chopin, é uma bebida forte demais para mulheres morais, e deveria ser rotulado de veneno.” (PACIORNIK, 1994, contra capa.).

Edna Pontellier, a protagonista em *The Awakening*, era uma mulher casada e mãe de dois filhos que se apaixona por um jovem, Robert; a paixão contribuiu para o despertar de Edna, na condição de alguém que buscava autonomia. O ponto crucial dessa estória não é apenas a paixão que Edna nutria por Robert, mas os sentimentos que, concomitantemente, brotavam por ela mesma. A busca de uma identidade atravessa toda a obra de Kate Chopin e não foi diferente em *The Awakening*:

A Sra. Pontellier estava começando a perceber sua posição no universo como ser humano e a reconhecer suas relações, enquanto indivíduo, com seu mundo interior e com o que a cercava. Pode parecer oneroso fardo, esta chegada da sabedoria à alma de uma jovem mulher de vinte e oito anos [...].(CHOPIN, 1994, p. 25)

Nas obras de Chopin não é difícil encontrar protagonistas mulheres que lutam por liberdade, individualidade e identidade. Como é mencionado pela autora, “Chopin acredita que caminham juntos à construção da identidade de uma pessoa – o ímpeto de um sentimento de pertença, por amor, e por um senso de soberania individual” (SKAGGS, 1995, p. 01, tradução nossa).

Em *The Awakening*, Chopin desenvolveu uma protagonista com comportamento inaceitável para a época. Uma mulher que não representa nem uma heroína, tampouco um exemplo a ser seguido. Cheia de assimetrias, Edna faz parte do *roll* de personagens imperfeitas, transgressoras e intrigantes de Kate Chopin.

As amargas críticas referentes a *The Awakening*, fez o livro ser banido das prateleiras das livrarias de Luisiana e afetaram a saúde da escritora, fazendo-a desacelerar sua produção literária.

---

<sup>1</sup> A novela *The Awakening* foi traduzida para o português por Celso Mauro Paciornik, publicado pela Estação Liberdade como *O Despertar*, em 1994.

Ela faleceu em 22 de agosto de 1904, cinco anos após a publicação da obra *The Awakening*, que a retirou do mercado editorial em 1899. Conviver com a exclusão da comunidade letrada levou Chopin e sua obra a ser retirada de circulação por um longo período, sendo descoberta pelas feministas americanas na década de 60 do século XX. O movimento feminista tem sido muito importante para o resgate de uma memória literária feminina, em especial, o resgate do brilhante legado de Kate Chopin.

Um ponto que perpassa toda a obra de Kate Chopin é a presença de temas recorrentes sobre a condição feminina; cada uma das histórias, todavia, vem carregada de criatividade e singularidade, e estão longe de ser meras repetições, ao contrário, elas revelam o talento e o processo artístico criativo da escritora. A intertextualidade se faz presente na obra de Chopin através de temas recorrentes como a transgressão feminina, o desejo de emancipação, a liberdade e a busca de identidade.

Outro ponto importante a ser ressaltado no conjunto da obra ficcional de Kate Chopin é a abrangência do universal nos temas enfrentados nas narrativas longas e/ou curtas dessa mulher escritora. Ela trava um diálogo contínuo e permanente no interior da própria obra, por exemplo, as personagens se repetem ao longo da obra. A obra de Chopin transcendeu o tempo e o espaço em que ela vivia e é possível observar a natureza atemporal da sua produção na medida em que são abordadas questões que continuam sendo debatidas na sociedade contemporânea.

### 3 ANÁLISE DO CORPUS

O corpus que será analisado é o conto “O Divórcio de Madame Célestin”, que faz parte da primeira coletânea de Kate Chopin: *Bayou Folk* (1894). A narração versa sobre a estória de uma jovem mulher crioula que é abandonada pelo marido, Célestin. Ele se afastou de casa há meses e deixou a mulher e os dois filhos sem nenhuma assistência ou notícias de seu paradeiro.

Insatisfeita com a situação, a protagonista expressa seu desejo de separação e o traz para a esfera pública. Influenciada pelo advogado Paxton, ela decide divorciar-se.

A protagonista desafia, destemidamente, sua mãe, o padre e até o Bispo para realizar o divórcio; porém, as duas esferas de poder: família e religião, mostram-se absolutamente contrárias ao desejo de divórcio, uma vez que, caso concretizado, levaria à morte de uma forte instituição: o matrimônio.

O marido retorna a casa prometendo vida nova e Madame Célestin retoma seu casamento, feliz por ter desistido da ideia de separação.

O conto em análise traz elementos do realismo, tais como: ênfase na realidade, predomínio da razão e objetividade; a mulher é representada sem artifícios, sem as idealizações românticas do eterno feminino. A estrutura do conto é simples, a estória é narrada em terceira pessoa, tem narrador onisciente, ou seja, ele sabe tudo sobre a estória e os personagens, possui um discurso direto intercalado com diálogos curtos entre os protagonistas; isto é, a trama é econômica no discurso e na ambientação, que se passa em uma galeria.

Pela descrição, a estória acontece no final do século XIX e a narrativa transcorre em uma comunidade crioula, na pequena cidade de Natchitoches, estado de Louisiana, Estados Unidos da América. O espaço da ação é relevante, uma vez que ilustra os espaços sociais reservados a homens e mulheres. A narrativa se passa na entrada da casa de Madame Célestin, delimitada por cercas pontiagudas, que separam o espaço público do privado onde a trama ocorre:

Madame Célestin estava sempre varrendo a galeria, quando o advogado Paxton por ali passava, a caminho de seu escritório, na rua St. Denis. Às vezes ele parava e, sem pressa, debruçava-se sobre a cerca para lhe dizer bom dia, criticar ou admirar suas roseiras, ou, quando havia tempo, ouvir o que Madame Célestin tinha para contar. (CHOPIN, 1958, p.159)

A narrativa deixa clara a fronteira entre o espaço público e o privado. O advogado nunca ultrapassa a cerca que o separa de Madame Célestin. O espaço privado era reservado à Madame Célestin, enquanto o público era garantido a ele, o advogado e juiz, Paxton. O que sugere os espaços pré-definidos para homens e mulheres: público e privado, respectivamente, ou seja, “[...] lugares socialmente sexuados situando homens e mulheres como socialmente assimétricos” (NOVAES, 2015, p. 53)

No que se refere ao tempo, é importante mencionar que o enredo caminha de mãos dadas com o processo da narração, isto é, a estória começa com Madame Célestin varrendo a galeria e termina com a protagonista concluindo a limpeza da galeria, ou seja, à medida que a estória vai sendo tecida e a narrativa desenvolvida, a personagem principal vai varrendo a galeria até que o processo de limpeza é concluído juntamente com o término do conto:

Ela terminara a galeria e a escada e varria o pequeno caminho de tijolos ao longo da cercadura de violetas. [...] Sabe, Senhor Juiz, a respeito do divórcio...Estive pensando...Talvez seja melhor o senhor não se preocupar mais com isto. [...] Célestin voltou para casa, antem à noite. E deu-me sua palavra de honra que vai começar vida nova. (CHOPIN, 1958, p.162)

O processo de limpeza presente na trama narrativa revela o papel reservado à mulher quanto às responsabilidades domésticas que inclui o asseio do lar, o que reforça a distinção com base nas relações binárias de gênero, fruto de um construto discursivo que divide os espaços sociais pré-estabelecidos para homens e mulheres.

Antes de nos concentrarmos no papel da mulher, é crucial mencionar o lugar do feminino na sociedade estadunidense no século XIX, assim como o importante papel dos Estudos Feministas na contribuição da crítica feminista nos Estudos Literários. De acordo com Showalter (2005), existe uma íntima ligação da crítica feminista com o desenvolvimento dos Estudos Feministas no tocante à emancipação feminina e que os estudos feministas vem se desenvolvendo de forma mais sólida desde meados de 1960:

Tal como Showalter afirma, a crítica feminista tem vindo a demonstrar que o olhar da mulher enquanto leitora e crítica privilegia no fenômeno literário perspectivas e reflexões ausentes ou negligenciadas pela crítica literária tradicional, bastião dos intelectuais masculinos. Assim, a crítica feminista tem visado, prioritariamente, estabelecer o gênero ou o espaço do feminino como uma categoria fundamental nos estudos literários. (MACEDO; AMARAL, 2005, p.26).

A crítica feminista tem origem nos movimentos feministas<sup>2</sup> que se solidificaram nos anos 60 do século XX (Segunda Vaga). A primeira vaga do feminismo se estabelece no final do século XIX, com movimentos sufragistas, e início do século XX, concentrando-se mais na Inglaterra e Estados Unidos.

A primeira vaga lutava pelos direitos cívicos das mulheres e a segunda vaga é precedida pela publicação de livros como *O Segundo Sexo* (1949), de Simone de Beauvoir, e *Sexual Politics* (1969) de Kate Millet.

No que se refere ao lugar da mulher estadunidense oitocentista, a esta eram reservados o espaço privado e as ocupações com a esfera doméstica, ao passo que, ao homem, o espaço público e o trabalho. À mulher era direcionado o papel de esposa, mãe, filha e ao homem, o papel de pai, marido, filho e provedor, de modo que a literatura tradicional contribuía para a construção desses estereótipos.

O conto “O Divórcio de Madame Célestin” descreve a protagonista como uma mulher bonita que se vestia de forma elegante com sua bata justa de algodão e usava um acessório no pescoço: um laço de fita cor de rosa.

O advogado Paxton achou-a muito bonita, hoje, com aquela bata cor de cinza, que tinha graciosa prega à *watteau*, nas costas, e vinha invariavelmente acompanhada de um laço de fita cor de rosa, ao pescoço. (CHOPIN, 1958, p.159).

Olhos castanhos e belas curvas dos lábios, Madame Célestin é descrita fisicamente como uma mulher de movimentos graciosos e rosto iluminado, “Apanhava numa das mãos a cauda da bata e, balançando graciosamente a vassoura na outra [...]”. (CHOPIN, 1958 p.159).

A descrição física da personagem principal sugere uma feminilidade sensual e cria uma imagem feminina semelhante a uma pintura. Quanto ao advogado Paxton, fisicamente ele apresenta mudanças conforme o seu interesse amoroso pela Madame vai nascendo. Ele passa a se preocupar mais com a aparência de suas roupas e calçados, dando mais importância ao asseio destes. Personagem secundário da narrativa, Paxton ora é chamado de juiz, ora de advogado. Percebe-se um poder

---

<sup>2</sup> Segundo Bedin; Cittadino; Araújo (2015, p. 337), a segunda vaga feminista corresponde ao período em que o conceito de gênero foi elaborado, de forma a questionar papéis pré-estabelecidos para homens e mulheres. A terceira vaga feminista, reivindica não mais a diferença entre homens e mulheres, mas a diferença entre as próprias mulheres. Esta última abrange tentativas de desconstrução da categoria “mulher” como um sujeito coletivo unificado. Trata-se de reivindicar a diferença dentro da diferença, pluralizando o movimento, ou seja, as mulheres não são todas iguais entre si.

intelectual do advogado Paxton sobre Madame Célestin, inclusive é dele a ideia do divórcio. Ele tenta influenciar a decisão da protagonista e faz uso de seus conhecimentos jurídicos para que seu desejo seja concretizado. Ele é descrito, física e emocionalmente, à medida que seu interesse por Madame Célestin vai crescendo:

Visível mudança operou-se dali por diante no advogado Paxton. Abandonou a roupa de trabalho que costumava usar e passou a envergar trajes domingueiros, quando ia agora para o escritório. Preocupava-se com o brilho dos sapatos, esmerava-se quanto ao colarinho e ao laço de gravata. Escovava e aparava as suíças, com um capricho que antes não se vira notar. (CHOPIN, 1958, p. 162)

Nota-se uma alternância de comportamento dos personagens masculino e feminino quando o advogado se preocupa em parecer mais atraente. Ademais, a narrativa também descreve uma característica atribuída ao feminino quando Paxton “[...] cai no tolo hábito de sonhar.” (p.162). O hábito de sonhar ou fantasiar é uma das características do feminino.

Por outro lado, a personagem principal apresenta características comportamentais que fogem da representação de uma senhora casada no século XIX. Madame Célestin era o oposto do modelo de mulher patriarcal submissa e discreta, isto é, ela era bastante comunicativa e sem discrição no que se referia à vida privada e pessoal. Exemplo: a vizinhança; os amigos; a família; o padre e o advogado Paxton; todos conheciam as suas queixas referentes à conduta de Célestin.

Madame Célestin tem ainda a audácia de enfrentar uma das instituições mais tradicionais na sociedade patriarcal: o matrimônio. A protagonista é uma mulher que, apesar da ausência do marido, consegue prover seus filhos e a si mesma sem recorrer à ajuda de terceiros, e, apesar de toda a situação difícil, ela não se vitimiza em nenhum momento. Por exemplo, quando o advogado Paxton enumera os afazeres de Madame Célestin:

Aqui está a senhora, estragando seus dedos... – (ao dizer isto, olhava para as pontas de dois dedos rosados que apareciam pelos furos da deformada luva de couro) - ... a costurar, a dar lições de música, fazendo só Deus sabe o quê, em matéria de trabalhos manuais, para prover o seu sustento e de seus dois filhinhos...O rosto de Madame Célestin iluminava-se ao ouvi-lo enumerar suas provações. (CHOPIN, 1958, p. 162)

Essa passagem deixa claro que, financeiramente, Madame Célestin já estava emancipada do marido, uma vez que conseguia sobreviver e prover a si mesma e a família por meses sem ajuda de terceiros.

A protagonista apresenta características psíquicas que valorizam o feminino, do ponto de vista emancipatório, por exemplo: apesar de ter um marido ausente, Madame Célestin não se apresenta como uma mulher melancólica, infeliz, triste, muito menos amargurada. Ela continuou sua vida de forma autônoma, sustentando a si e aos dois filhos, mantendo a rotina da casa e das crianças – aspectos que ficam claro na descrição física da personagem e do espaço onde a narrativa transcorre – a galeria da Madame Célestin – que, constantemente, estava em processo de limpeza.

Ela também não teme a opinião pública ao expressar para a família, para o padre, entre outros, a decisão de divorciar-se do marido, enfrentando cada um destes personagens destemidamente. No final da estória, ela não usa subterfúgios, nem teme dizer ao advogado Paxton, que ele esquecesse o assunto do divórcio, pois ela havia reatado com Célestin. Portanto, a decisão dela prevaleceu sobre “os sonhos” românticos do juiz.

Apesar das conveniências sociais, a personagem principal apresenta atitudes não condizentes com o comportamento esperado para as mulheres americanas oitocentistas: ela falava de sua vida privada para quem quisesse ouvir, inclusive falava de seu problema matrimonial abertamente com o advogado Paxton, homem solteiro que todos os dias passava em frente à galeria no caminho do trabalho: “Não havia quem não conhecesse os aborrecimentos de Madame Célestin.” (CHOPIN, 1958, p.159).

É possível identificar, no conto, algumas características transgressoras, por exemplo: a falta de privacidade no que diz respeito ao comportamento de Madame Célestin. Ela rompe com os limites entre o espaço privado e o público ao tornar pública sua vida pessoal e familiar:

Não havia quem não conhecesse os aborrecimentos de Madame Célestin. [...] Neste últimos quatro meses, não botei os olhos num picayune, um único que seja, que eu possa dizer que me tenha sido dado ou enviado por Célestin. – Bandido! – resmungou o advogado [...]. (CHOPIN., 1958, p.159)

O fato de a protagonista não se vitimizar em razão dos acontecimentos, demonstra a força de uma mulher que supostamente foi abandonada pelo marido, ao

manter a guarda dos dois filhos e conseguir sobreviver sem a ajuda financeira e emocional do cônjuge. Madame Célestin parece não se abater pelas circunstâncias. Ela continua cuidando de sua casa e da sua vida, sustentando os dois filhos com o seu trabalho, firme em suas decisões e fisicamente sempre bonita e asseada. Madame Célestin não se submete sequer à opinião dos outros para tomar suas decisões, revelando-se uma mulher independente – o que nos ajuda a construir uma leitura feminista na valorização do feminino, sem espaço para lamentações ou julgamentos de qualquer natureza ao longo da narrativa.

Outra característica que subverte o masculino e o feminino, aspecto presente na obra – é a descrição psicológica do advogado Paxton, homem detentor do poder, inclusive no que se refere ao grau de instrução e conhecimento; todavia ele apresenta atributos reservados ao feminino como: sonhar, idealizar: “Batia-lhe o coração de maneira estranhamente descompassada quando, ao aproximar-se certa manhã da casa de Madame Célestin, a viu por detrás das roseiras, entretida como sempre com a vassoura.” (CHOPIN, 1958, p. 162).

De acordo com os pressupostos patriarcais oitocentistas, homem não sonha nem idealiza; homem realiza, concretiza, executa, isto é, sonhar foge da objetividade e da assertividade masculina estabelecida pelo patriarcado. Conforme descrito nessa narrativa, a voz narrativa subverte e transcende as regras pré-estabelecidas no sistema sociocultural patriarcal no que se refere ao comportamento e às relações de gênero.

O desfecho da narrativa não corresponde nem às expectativas do leitor e nem às do advogado, porque ambos são traídos pelo narrador que propõe narrar o divórcio de Madame Célestin, porém, o retorno de Célestin muda completamente o rumo dos acontecimentos, Madame Célestin muda de ideia e reconcilia-se com o marido:

Sabe, Senhor Juiz, a respeito do divórcio...Estive pensando...Talvez seja melhor o senhor não se preocupar mais com isso. [...] Pareceu ao advogado que seu rosto estava mais rosado do que habitualmente, mas talvez fosse apenas reflexo da fita côm de rosa ao pescoço. Ela continuou:  
- Sim, acho que não precisa incomodar-se. Porque, sabe, Senhor Juiz, Célestin voltou para casa, antem à noite. E deu-me sua palavra de honra que vai começar vida nova. (CHOPIN, 1958, p. 162).

O desfecho narrado pode ter sido uma estratégia da autora, uma vez que o tema divórcio era muito polêmico para os oitocentistas e a obra poderia ser censurada,

mas a ideia de divórcio foi lançada, além de questionar o matrimônio como uma união indissolúvel na vida de homens e mulheres.

Quanto ao final irônico, presente no desfecho da narrativa “O Divórcio de Madame Célestin”, podemos abordar esse final como uma estratégia da autora Kate Chopin para se inserir no campo literário sem se envolver em contendas. Podemos interpretar o fato da protagonista desistir do divórcio, também, como uma maneira que a escritora encontrou de ampliar seu espaço de atuação ao tentar burlar as fronteiras reguladoras estabelecidas pela própria representação da mulher na sociedade burguesa: “Provavelmente, é uma maneira de se colocarem imunes ou impunes a certas reprimendas e críticas desqualificadoras, que começavam a se tornar rotineiras pela época.” (ALVES, 2016, p.107). Porém, antes de abordar as estratégias de autoria feminina, é importante mencionar o conceito de representação de Still (1991, p. 377, apud MACEDO, 2005, p. 165): “No sentido artístico, a representação pressupõe a ausência do objeto representado, mas algumas teorias estéticas argumentam que as representações são tanto melhores quanto se aproximem do objeto representado”.

Não menos importante,

A representação dá conta da forma como as ideologias rapidamente se incorporam nos objetos, apresentando-se, assim, como presenças reais no mundo. Nesse sentido, as representações facilmente se transformam nos representantes, pois tornam-se nas vozes de um determinado grupo como poder (BEER, 1989, p. 77 apud MACEDO; AMARAL 2005, p. 165).

Os estudos feministas têm se dedicado a avaliar como a construção de imagens altera as ideias sobre a identidade de gênero. De acordo com a crítica literária feminista, o processo da formação de gênero passa pelo estudo da escrita de homens e mulheres, lado a lado, a fim de detectar tendências de gênero na escrita (MACEDO; AMARAL, 2005).

Diante da repressão sofrida pelas mulheres, as escritoras precisavam lançar mão de estratégias a fim de que suas obras não fossem censuradas quando julgadas pela crítica acerca da conveniência de suas publicações.

Uma dessas estratégias era o uso de pseudônimos, para que as obras de autoria feminina fossem aceitas e publicadas. A escritora brasileira Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), por exemplo, fez uso do pseudônimo “Nísia Floresta Brasileira Augusta”, que foi escolhido em homenagem ao seu marido, Manoel Augusto.

Em um de seus livros, *Direito das mulheres e injustiça dos homens* (1832) – tradução livre do livro *Vindications of the Rights of Woman* (1792), de Mary Wollstonecraft (1759-1797) – ela problematiza o espaço da mulher e os direitos que lhe interessam.

Outra estratégia também usada pela autoria feminina para que fossem inseridas no mundo literário era a maneira como muitas dessas autoras iniciavam as primeiras linhas de suas obras, como uma espécie de licença. Humildemente, essas mulheres requisitavam a permissão masculina para adentrar o território que até então estava reservado ao masculino: a escrita. Nísia Floresta fez uso dessa estratégia.

Mais uma estratégia de algumas autoras seria lançar mão de finais imprevisíveis em suas narrativas. Não é um trabalho fácil, porém, podemos perceber, no caso de Kate Chopin, que os finais ironicamente inesperados de seus contos e da novela *The Awakening*, quando a protagonista Edna, uma senhora casada, não chega a vivenciar sua paixão por Robert, também seria um movimento de recuo, uma vez que a mulher do século XIX não poderia ultrapassar a barreira do inaceitável para a sociedade Americana Oitocentista. Porém, apesar desse recuo, a proposta emancipatória de Kate Chopin está presente nas suas obras.

O movimento de avanço e recuo das personagens femininas de Kate Chopin pode ser considerado uma estratégia de inserção no território das letras, uma vez que ela abordava temas censurados pela sociedade Americana Oitocentista como, a infidelidade feminina, a sensualidade etc.

Madame Célestin, no conto objeto de análise em tela, é uma senhora casada que, ao longo da narrativa, reitera, inúmeras vezes, o desejo de divorciar-se a todo custo, mas, novamente, a irônica surpresa: ela desiste da separação e, feliz, volta para o marido. Há um avanço e um recuo na trama narrativa.

Apesar dos recuos das idas e vindas presentes nas produções de Chopin, a trama narrativa deixa a sugestão de uma proposta emancipatória. No “O Divórcio de Madame Célestin”, a protagonista toma sua decisão independentemente de conselhos alheios, de modo que essa decisão contradiz suas promessas feitas durante toda a narrativa, frustrando a expectativa do leitor e a do advogado Paxton.

Além de irônico, o final da estória mostra que a decisão que prevalece no final é a decisão de Madame Célestin e não a dos outros. Sem se preocupar com o que irão pensar dela, a protagonista se mostra, mais uma vez, emancipada ao tomar as rédeas do próprio destino.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento sobre a narrativa “O Divórcio de Madame Célestin” possibilitou testar a nossa análise, isto é, uma leitura feminista acerca da vida e da obra de Kate Chopin. Apesar de a autora apresentar aspectos regionalistas nas suas obras, ela rompe com a literatura regional para uma literatura universal que contempla temas atemporais ao tratar de assuntos como o divórcio, a infidelidade, a emancipação feminina entre outros.

A construção da trama em “O Divórcio de Madame Célestin” nos faz refletir sobre a coragem da autora ao contar uma estória acerca de um divórcio no contexto da sociedade americana oitocentista e puritana sem que a protagonista sofra julgamentos e/ou punições, ou seja, a narrativa não apresenta uma fala moralizante que sentencia o comportamento da personagem principal, Madame Célestin. A narrativa evidencia a condição feminina sem vitimizações, o que contribui para a construção de uma leitura feminista que desconstrói os espaços sociais pré-estabelecidos para homens e mulheres. As personagens femininas apresentam-se de forma questionadora e contestadora, tentando romper com o rígido padrão social que divide os espaços ocupados por ambos os sexos, isto é, ao masculino competia o espaço público e, ao feminino, o espaço privado.

A habilidade com que Chopin passeia por temas proibidos às mulheres escritoras nos oitocentos valoriza a mulher, não a denigre e transmite os ideais contidos na Declaração de Independência dos Estados Unidos da América em 1776: igualdade; liberdade e o direito a ser feliz.

No corpus analisado, em nenhum momento o advogado Paxton julga Madame Célestin por expressar o desejo de divorciar-se ou por expor seus problemas publicamente, ou seja, o narrador constrói um discurso no qual a protagonista tem o direito de expressar sua vontade emancipatória e de verbalizar os seus sentimentos. Paxton, por sua vez, também não a julga quando ela desiste do divórcio alegando ter se reconciliado com o marido, Célestin. Entendemos o comportamento do juiz Paxton como um avanço no tratamento dispensado ao feminino, um sexo fadado, na literatura oitocentista, a punições morais, jurídicas e físicas.

A nossa leitura feminista, portanto, só é possível de mãos dadas com uma crítica feminista que se propõe a desestabilizar a tradição literária do século XIX que coloca a mulher à margem da sociedade e romantizando-a ao construir um mundo

que, a todo custo, quer enclausurar o desejo e a liberdade das mulheres, o que, mais uma vez, caracteriza a autora do nosso corpus como uma mulher à frente de seu tempo.

A voz narrativa contribui para a conscientização do leitor a respeito da condição feminina ao tentar reverberar, no conto analisado, os ideais feministas que convergem para uma leitura, também feminista, e que foi proposta para esse trabalho monográfico.

Espero que esse trabalho contribua para pesquisas posteriores que contemplem o resgate da escrita de autoria feminina que até hoje se faz relevante e necessária para os estudos que reescrevem a história literária que privilegia a voz feminina e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Para mim, que tenho interesse em continuar pesquisando sobre o trabalho de resgate de autoria feminina e a crítica feminista, percebo que as narrativas chopinianas contribuem para o meu processo de aprimoramento enquanto mulher leitora, isto é, a minha percepção e empatia com as personagens femininas de Kate Chopin me fazem refletir sobre a forma como nós mulheres, nos reconhecemos nos textos literários produzidos por escritoras que contribuem para um entendimento mais acurado sobre o ser mulher.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ivia. *Amor e submissão: formas de resistência da literatura de autoria feminina?* 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19075/1/Amor%20e%20Submiss%C3%A3o%20-%20Formas%20de%20Resist%C3%Aancia%20da%20Literatura%20de%20Autoria%20Feminina.PDF>> Acesso em: 10 de mar. de 2017.
- BENDIN, Gilmar Antonio; CITTADINO, Gisele Guimarães; ARAÚJO, Florivaldo Dutra de. *Poder, cidadania e desenvolvimento no estado democrático de direito*. XXIV Congresso nacional do CONPEDI – UFMG/FUMEC/Dom Herder Câmara. Florianópolis, Santa Catarina. 2015, p. 337. Disponível: <<http://www.conpedi.org.br/publicacoes/66fsl345/w8299187/ARu8H4M8AmpZnw1Z.pdf>>. Acesso: 09 jun. 2017.
- CHOPIN, Kate. *O despertar*. Trad. Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1994, p. 25.
- CHOPIN, Kate. O divórcio de madame célestin. Trad. Lígia Junqueira Caiuby. In: CAVALHEIRO, Edgar; RIEDEL Diulas; FECCHIO, E. *Maravilhas do conto feminino*. São Paulo: Editora Cultrix, 1958, p. 159-162.
- GILBERT, Sandra M. *The awakening and selected stories by Kate Chopin*. New York: Editora Penguin Books, 1986, p. 62.
- MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). *Dicionário da crítica feminista*. Porto: Edições Afrontamento, 2005.
- MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. *A condição feminina revisitada*. Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB. 2003.
- .A ironia na narrativa de Kate Chopin, O divórcio de Madame Célestin. In: KAMITA, Rosana Cássia; FONTES, Luísa Cristina dos Santos (Org.). *Mulher e literatura: vozes consequentes*. Ilha de Santa Catarina, 2015. Disponível:<[http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/Documentos/Livro%20Eletronico%20do%20GT%20A%20Mulher%20na%20%20Literatura\\_Anpoll\\_2015.pdf](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/Documentos/Livro%20Eletronico%20do%20GT%20A%20Mulher%20na%20%20Literatura_Anpoll_2015.pdf)>. Acesso em: 5 abr. 2017.
- NOVAES, Elizabete David. *Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história*. Franca, São Paulo, 2015, p. 53. Disponível: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1691>>. Acesso em: 15 abr. 2017.
- SKAGGS, Peggy. *Kate Chopin by Peggy Skaggs*. Angelo State University. 1985.